

Fernando Pessoa

## I — Atravessa esta paisagem o meu sonho dum porto infinito

CHUVA OBLÍQUA

I

Atravessa esta paisagem o meu sonho dum porto infinito  
E a cor das flores é transparente de as velas de grandes navios  
Que largam do cais arrastando nas águas por sombra  
Os vultos ao sol daquelas árvores antigas...

O porto que sonho é sombrio e pálido  
E esta paisagem é cheia de sol deste lado...  
Mas no meu espírito o sol deste dia é porto sombrio  
E os navios que saem do porto são estas árvores ao sol...

Liberto em duplo, abandonei-me da paisagem abaixo...  
O vulto do cais é a estrada nítida e calma  
Que se levanta e se ergue como um muro,  
E os navios passam por dentro dos troncos das árvores  
Com uma horizontalidade vertical,  
E deixam cair amarras na água pelas folhas uma a uma dentro...

Não sei quem me sonho...  
Súbito toda a água do mar do porto é transparente  
E vejo no fundo, como uma estampa enorme que lá estivesse desdobrada,  
Esta paisagem toda, renque de árvore, estrada a arder em aquele porto,  
E a sombra duma nau mais antiga que o porto que passa  
Entre o meu sonho do porto e o meu ver esta paisagem  
E chega ao pé de mim, e entra por mim dentro,  
E passa para o outro lado da minha alma...

8-3-1914

«Chuva Oblíqua». **Poesias**. Fernando Pessoa. (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1942 (15<sup>a</sup> ed. 1995): 27.

1<sup>a</sup> publ. in **Orpheu**, n<sup>o</sup> 2. Lisboa: Abr.-Jun. 1915.